

A CARIDADE NA VERDADE – Papa Bento XVI

A verdade resplandece a caridade

Dom Joaquim Mol - Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte e
Reitor da PUC MINAS

Poucos dias depois que o Papa Bento XVI, através de uma carta, exortou a cúpula de chefes de Estado e de Governo do G8 (grupo dos sete países mais desenvolvidos e a Rússia), a contemplar valores éticos nas medidas de superação da crise econômica e deles exigiu ajuda ao desenvolvimento dos países mais pobres, ele publica uma forte Carta Encíclica sobre a "Caridade na Verdade".

Primeiro ele publicou Deus caritas est (2006), depois Spe salvi (2007) e agora, dia 7 de julho de 2009, presenteia a Igreja e a todas as pessoas de boa vontade com Caritas in Veritate. O Papa relembra os mais de 40 anos da Encíclica Populorum progressio (1967), de Paulo VI, logo depois do Concílio Vaticano II, sobre o desenvolvimento humano integral.

Esta Encíclica aborda o desenvolvimento humano integral, fundado na caridade e na verdade. Com a luz da Palavra de Deus e da Teologia ele ilumina temas sociopolíticos, econômicos e tecnológicos, enriquecendo o corpus da doutrina social da Igreja e mais do que isto, apontando rumos para a preservação da vida do ser humano, de todas as criaturas e do planeta. É uma palavra profética absolutamente necessária! Ao anunciar as possibilidades do desenvolvimento sustentável, propondo a prática do humanismo cristão, denuncia o desenvolvimento depredador da vida e excludente de Deus.

Apresento, nesta síntese livre, alguns dos mais instigantes pensamentos do Papa Bento XVI na referida Encíclica, com a esperança de que ela reacenderá pavios fumegantes, reerguerá desanimados no caminho, reanimará esgotados pelo cansaço. Um lembrete: quando o Papa fala de caritas-caridade é do amor que ele está falando.

Sobre a caridade na verdade

O Papa diz que o amor – caritas – é uma força extraordinária que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. Esta força é extraordinária porque tem sua origem em Deus. Foi Jesus Cristo quem testemunhou com sua vida a caridade na verdade, tornando-a a principal força propulsora para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira. É nesse projeto de amor de Deus que o ser humano encontra a verdade sobre si mesmo e, aderindo a ela, torna-se livre. Por isso, defender a verdade é uma forma exigente e imprescindível de caridade.

A caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja. Tal doutrina proclama a verdade do

amor de Cristo na sociedade; é serviço da caridade, mas na verdade. A caridade é tudo, porque Deus é caridade (1Jo 4,8.16). Porém, como o sentido de caridade sofre desvios e chega a ser excluído dos âmbitos social, jurídico, cultural, político e econômico, é necessário conjugar a caridade com a verdade. Trata-se da verdade na caridade (Ef 4,15). E também da caridade na verdade. Só na verdade é que a caridade resplandece e pode ser autenticamente vivida. A verdade é luz que dá brilho e valor à caridade. Sem verdade a caridade cai no sentimentalismo. O amor torna-se um invólucro vazio. A verdade liberta a caridade dos estrangulamentos do emocionalismo, que a despoja de conteúdos relacionais e sociais, e do particularismo, que a priva de amplitude humana e universal.

A caridade na verdade ganha forma e ação na justiça. A caridade supera a justiça, porque amar é dar, oferecer ao outro aquilo que é "meu"; mas nunca existe sem a justiça, que induz a dar ao outro o que é "dele", o que lhe pertence em razão do seu ser e do seu agir. Não posso "dar" ao outro do que é meu, sem antes lhe ter dado aquilo que lhe compete por justiça. Quem ama os outros com caridade é, antes de mais nada, justo para com ele. A justiça é inseparável da caridade, que é maior do que ela.

A caridade na verdade ganha forma e ação também no bem-comum. Amar alguém é querer o seu bem e trabalhar pelo mesmo e pelo bem comum, ligado à vida social das pessoas. O bem comum é o bem daquele "nós-todos". Querer o bem comum e trabalhar por ele é exigência da justiça e da caridade. Ama-se tanto mais eficazmente o próximo, quanto mais se trabalha em prol de um bem comum que dê resposta também às suas necessidades reais.

O amor na verdade é um grande desafio. Pois, a partilha dos bens e recursos, da qual deriva o autêntico desenvolvimento, não é assegurada pelo simples progresso técnico e por meras relações de conveniência, mas pelo potencial de amor que vence o mal com o bem (Rm 12,21) e abre à reciprocidade das consciências e das liberdades.

A Igreja não tem soluções técnicas e nem cabe a ela tê-las. A Igreja também não pretende imiscuir-se na política dos Estados. Mas ela tem uma missão a cumprir a favor de uma sociedade à medida do ser humano, da sua dignidade e da sua vocação. Por isso ela indica, inarredavelmente, o caminho da caridade na verdade.

Sobre o desenvolvimento humano

Continua sendo uma obrigação real a busca de um desenvolvimento que seja integral, o que exige uma nova planificação global do desenvolvimento, uma renovada avaliação do papel e do poder do Estado, pois:

- cresce a riqueza mundial, mas aumentam as desigualdades;
- continua o escândalo sócio-econômico de desproporções revoltantes;

- a corrupção e a ilegalidade estão presentes em todos os lugares;
- cresce o número de quantos não respeitam os direitos humanos;
- existem protecionismos do conhecimento.

O Papa aponta a direção para várias áreas:

- a) do ponto de vista social é preciso aumentar e melhorar as redes de segurança social e previdência;
- b) quanto à mobilidade laboral é preciso lembrar aos sistemas econômicos e sociais que o primeiro capital a preservar e valorizar é a pessoa, na sua integridade;
- c) no plano cultural é preciso superar o relativismo mediante discernimento das culturas postas lado a lado e ao mesmo tempo evitar o nivelamento e homogeneização dos comportamentos e estilos de vida;
- d) alimentação e acesso à água são direitos universais sem distinções nem discriminações; dar de comer aos famintos é um imperativo ético para a Igreja e eliminar a fome no mundo é um objetivo a alcançar para preservar a paz e subsistência da terra;
- e) respeito à vida desde a sua concepção não é separável do desenvolvimento dos povos.
- f) não se separa do desenvolvimento humano o direito à liberdade religiosa, evitando violências como o terrorismo fundamentalista e a promoção programada da indiferença religiosa e do ateísmo prático por parte de muitos países, subtraindo ao desenvolvimento recursos espirituais e humanos;
- g) necessidade de temperar o saber como obra da inteligência com o sal da caridade, para que se torne sapiência, capaz de orientar o homem; por isso ponderações morais e pesquisa científica devem crescer juntas, animadas pela caridade num todo interdisciplinar harmônico.

Sobre a fraternidade e o desenvolvimento

O ser humano está feito para o dom, que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência. Enquanto dom recebido por todos, a caridade na verdade é uma força que constitui a comunidade, unifica os homens segundo modalidades que não conhecem barreiras nem confins.

A unidade do gênero humano, uma comunhão fraterna para além de qualquer divisão, nasce da convocação da Palavra de Deus-Amor. Por um lado a lógica do dom não exclui a justiça nem se justapõe a ela num segundo tempo e de fora, e, por outro lado, o desenvolvimento econômico, social e político precisa, se quiser ser autenticamente humano, dar espaço ao princípio da gratuidade como expressão da fraternidade.

Se incluirmos a dimensão teológica para a compreensão do fenômeno do mundo global,

teremos a oportunidade de viver e orientar a globalização da humanidade em termos de relacionamento, comunhão e partilha.

Sobre o desenvolvimento, direitos, deveres e ambiente

A solidariedade universal é para nós não só um fato e um benefício, mas também um dever. Hoje, muitas pessoas tendem a alimentar a pretensão de que não devem nada a ninguém, a não ser a si mesmas. É importante invocar uma nova reflexão que faça ver como os direitos pressupõem deveres, sem os quais o seu exercício se transforma em arbítrio. A partilha dos deveres recíprocos mobiliza muito mais do que a mera reivindicação de direitos.

A isto se associa o dever da ética, em tudo. Hoje existem muitos processos, merecedores de apreço, que tentam imprimir o princípio da ética. Todavia, é bom formar um válido critério de discernimento, porque se nota um certo abuso do adjetivo "ético", o qual, se usado vagamente, presta-se a designar conteúdos muito diversos, chegando-se a fazer passar à sua sombra decisões e opções contrárias à justiça e ao verdadeiro bem do homem. Assim, nas intervenções em prol do desenvolvimento, há que se salvaguardar o princípio da centralidade da pessoa humana, que é o sujeito do dever do desenvolvimento.

O tema do desenvolvimento aparece, hoje, estreitamente associado também com os deveres que nascem do relacionamento do homem com o ambiente natural. Para preservar a natureza não basta intervir com incentivos ou penalizações econômicas, nem é suficiente uma instrução adequada. Trata-se de instrumentos importantes, mas o problema decisivo é a solidez moral da sociedade em geral. Se a vida humana não é respeitada, a consciência comum acaba por perder o conceito de ecologia humana e, com ele, o do meio ambiente.

Sobre a família humana

Uma das pobreza mais profundas que o homem pode experimentar é a solidão. O homem aliena-se quando fica sozinho ou se afasta da realidade, quando renuncia a pensar e a crer num Fundamento. A humanidade inteira aliena-se quando se entrega a projetos unicamente humanos, a ideologias e a falsas utopias. A humanidade aparece, hoje, muito mais interativa do que no passado: esta maior proximidade deve transformar-se em verdadeira comunhão. O desenvolvimento dos povos depende, sobretudo, do reconhecimento de que todos são uma só família, a qual colabora em verdadeira comunhão e é formada por sujeitos que não se limitam a viver uns ao lado dos outros.

O diálogo fecundo entre fé e razão não pode deixar de tornar mais eficaz a ação da caridade na sociedade, e constitui o valor mais apropriado para incentivar a colaboração fraterna entre crentes e não-crentes na perspectiva comum de trabalhar pela justiça e a

paz da humanidade.

Uma solidariedade mais ampla em nível internacional exprime-se, antes de mais nada, a promover maior acesso à educação. Com o termo educação, não se pretende referir apenas à instrução escolar ou à formação para o trabalho – ambas, causas importantes de desenvolvimento – mas à formação completa da pessoa, formação integral.

Perante o crescimento incessante da interdependência mundial, sente-se o quão imenso é a urgência de uma reforma quer da ONU – Organização das Nações Unidas – quer da arquitetura econômica e financeira internacional, para que seja possível uma real concretização do conceito de família de nações. De igual modo sente-se a urgência de encontrar formas inovadoras para atuar o princípio da responsabilidade de proteger e para atribuir também às nações mais pobres uma voz eficaz nas decisões comuns.

Sobre o desenvolvimento e a técnica

Por sua natureza, a pessoa humana está dinamicamente orientada para o próprio desenvolvimento – que pode degradar-se, se ela pretende ser a única produtora de si mesma. Do mesmo modo, degenera o desenvolvimento dos povos, se a humanidade pensa que se pode re-criar valendo-se dos prodígios da tecnologia. Ainda, o progresso econômico revela-se fictício e danoso quando se abandona aos prodígios das finanças para apoiar incrementos artificiais e consumistas.

Hoje o problema do desenvolvimento está estreitamente unido com o progresso tecnológico. O desenvolvimento tecnológico pode induzir à idéia de auto-suficiência da própria técnica, quando o homem, interrogando-se apenas sobre o “como”, deixa de considerar os muitos “porquês” pelos quais é impelido a agir.

Frequentemente o desenvolvimento dos povos é considerado um problema de engenharia financeira, de abertura dos mercados, de redução das tarifas aduaneiras, de investimentos produtivos, de reformas institucionais; em suma, um problema apenas técnico. O desenvolvimento é impossível sem homens retos, sem operadores econômicos e homens políticos que sintam intensamente em suas consciências o apelo do bem comum.

Necessários são olhos novos e um coração novo, capaz de superar a visão materialista dos acontecimentos humanos e entrever no desenvolvimento um “mais além” que a técnica não pode dar. Por este caminho, será possível perseguir aquele desenvolvimento humano integral que tem o seu critério orientador na força propulsora da caridade na verdade.

Conclui o Papa

Sem Deus, o homem não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja. Perante os enormes problemas do desenvolvimento dos povos que quase nos levam

ao desânimo e à rendição, vem em nosso auxílio a palavra do Senhor Jesus Cristo: "Sem Mim, nada podeis fazer" (Jo15,5), e encoraja: "Eu estarei convosco, até o fim do mundo" (MT 28,20).